

## Capítulo XIX

Autoria: Prof. Ricardo Madureira

Este capítulo imaginário traz o encontro de Cesário, padrinho de Inocência, e Pereira, pai da moça, para desfazer o noivado com Manecão, para que os amantes, Inocência e Cirino, possam enfim ficar juntos. Na obra original, o autor não mostra a reunião dos compadres para a decisão; imaginei este capítulo, sem pretensões artísticas, apenas como uma forma de demonstrar meu apreço e carinho por obra tão bela da literatura brasileira.

Salve, Rainha, Mãe de misericórdia, vida, doçura e esperança nossa, salve! A vós bradamos, os degredados filhos de Eva; a vós suspiramos, gemendo e chorando neste vale de lágrimas. (*oração católica*)

Antônio Cesário partiu em direção à casa do compadre Pereira deveras impressionado com a determinação do mancebo na defesa de seus sentimentos por Inocência. Sabendo que o compadre era homem pertinaz e insolente, temia encontrar alguma dificuldade na empresa, ainda mais em se tratando de assuntos de matrimônio. Assim, respeitar-lhe-ia a decisão final, para infelicidade de Cirino, caso a resposta fosse uma negativa, mas ao menos traria tranquila a consciência de quem, como ele prometera ao jovem apaixonado, jamais deixaria alguém sem seu socorro, se lhe pudessem valer as forças de seus braços — no caso, de seu espírito — reavivado pela lembrança longínqua de Madalena, um antigo amor não concretizado, que ficara no seu coração, há muito, muito tempo. Vendo Cirino naquele estado de consternação, por amor à Inocência, identificou-se com a sua dor.

A caminho, parou na venda de Totó Siqueira, onde tomou um conhaque, para espantar o frio trazido por um vento que se agitava por aqueles páramos solitários. Vendo que a noite quase chegava, montou a cavalgada, esporeando-a vigorosamente, pois não queria chegar a desoras na casa do compadre. Logrou chegar à casa de Pereira ao lusco-fusco. Assim que avistou o viajante se aproximando, a escrava Maria Conga, que estava no terreiro, cuidando de um pintinho que se desgarrara da mãe, veio correndo abrir a cancela, preocupada, pois ninguém aparecia assim de visita, naqueles sertões ermos, à boca da noite, a não ser em caso de grave urgência.

— Boa noite, seu Cesário, como vai indo *vosmicê*? Perguntou ela, abrindo a cancela, enquanto segurava, com uma das mãos, o pintinho, que piava angustiado.

— Boa noite, Maria Conga, vou bem, e a senhora? O compadre está?

— *Nhor-sim*, pode *apiá*, que já vô *chamá* ele. Deus seja louvado, quanto tempo não vejo o *sinhô*. Vamos entrando.

Uma galinha esbaforida, junto com uma ninhada, aproximou-se, vindo socorrer o filhote, que, aflito, pôs-se a chamar pela mãe. A escrava depôs o pintinho desgarrado no chão e este seguiu a mãe com os irmãozinhos para o poleiro, onde passariam a noite seguros, sob a asa protetora da mãe aguerrida.

De dentro da casinhola, Pereira já havia pressentido a movimentação e ouvido vozes, mas não conseguia lobrigar, na escuridão que já vinha caindo, quem chegava assim, em hora tão desazada. Visitas assim sempre traziam preocupação. Ainda viu pelo canto do olho a galinha se dirigindo com sua ninhada para o poleiro.

— *Nhô* Pereira, gritou Maria Conga lá de fora, é o *seu* Cesário!

Definitivamente, Cesário era alguém que Pereira não esperava receber. Naturalmente, ocorreu-lhe a lembrança das velhas dívidas que tinha com o compadre. Estaria o homem em sérios apuros pecuniários, que viesse assim cobrar-lhe, àquela hora da noite, sem qualquer aviso? Decerto seria outro assunto, pensou, dirigindo-se à porta.

— Bons ventos o tragam!, disse Pereira, efusivamente. Mas que milagre é esse, o senhor compadre por aqui? Vamos entrando, não faça cerimônia!

— Boa noite, compadre, disse Cesário, grave. O senhor desculpe a hora inapropriada, mas é que tinha grande urgência em *inziminar* uma questão muito importante com *vosmecê*.

À palavra urgência, Pereira carregou o sobrececho, fato que não passou despercebido a Cesário, que emendou, rapidamente, a fim de desanuviar-lhe as preocupações:

— Mas não te dê cuidados, compadre, não é nada de outro mundo! Não diz o ditado, “só para morte não se tem remédio”?

Pereira assentiu que sim, com um meneio de cabeça. Dirigiram-se para a mesa que ficava na sala principal, alumada por uma lamparina que projetava grandes sombras nas paredes da habitação rústica, empestada com o cheiro penetrante do querosene. Lá fora, Maria Conga amarrava o cavalo de Cesário e servia-lhe água e milho, repasto que muito agradou ao alazão.

— Maria Conga, ordenou Pereira, em tom imperativo, providencie uma refeição para o compadre, que deve estar morto de fome!

— Não, não será necessário, compadre. Parei na venda do Totó Siqueira, tomei um conhaque e comi alguma coisa, estou sem fome.

Sabendo Cesário que o bom sertanejo não gosta de ouvir recusa a uma oferta de comida, acrescentou logo:

— Mas aceitaria de bom grado um chá, só para forrar o estômago. Não é bom encher o bucho antes de dormir.

Pereira assentiu com a cabeça, e sinalizou a Maria Conga que fosse providenciar. Neste momento, Inocência surgiu à porta da sala, agitada ao reconhecer a voz do padrinho. Aproximou-se, timidamente:

— Padrinho! Que bom ver o senhor aqui. Minha bênção, disse-lhe, estendendo a mãozinha delicada.

Certamente vinha tratar do que lhe pedira Cirino, em nome dela, pensou, e assustou-se com a possibilidade daquele encontro vir a se tornar um entrevero tremendo. O coração saltou no peito, preocupada. Enfim, os malfadados amantes teriam um veredito. Sua última esperança estava depositada nas mãos do padrinho e no coração impenetrável do pai.

— Deus lhe abençoe, disse o Padrinho, olhando-a cúmplice nos olhos. Como vai a saúde, melhorou da maleita?

— Abaixo de Deus, e graças a Ci... hesitou ela em dizer o nome do amado, que tanto desgosto dava ao pai. Graças a Deus... estou... estou... curada, murmurou, vacilante.

Maria Conga serviu o chá, que sorveram vagorosamente, comendo biscoitos, enquanto conversaram algumas trivialidades sobre o clima, sobre as plantações e criações; depois, atento, Pereira ordenou à filha que se retirasse, que tinha um particular a tratar com o compadre, e que já era hora de moça estar na cama. Inocência retirou-se, olhando aflita nos olhos do padrinho, mas os olhos de Cesário, firmes, transmitiram-lhe uma segurança, como se lhe dissessem “Não se preocupe, minha afilhada!”; tomou a bênção novamente, desejou boa-noite aos convivas e retirou-se ao quarto, onde, à porta, do lado de fora, o anãozinho Tico já se encontrava deitado sobre uma manta de couro, como um fiel cão de guarda.

Finalizada a pequena refeição, entendeu Cesário que era hora de ir aos finalmentes com o compadre.

— Então, compadre, encetou Cesário, à guisa de prólogo. O assunto que me traz aqui é extremamente importante. Queria lhe emitir uma opinião, um parecer, mas adianto desde já que qualquer decisão que o senhor me der, respeitarei, como seu compadre, e como pai.

Pereira observava-o vivamente, estudando-lhe minuciosamente as expressões faciais. Que rodeio todo seria aquele? Não lhe escapou à atenção a reticência do compadre Cesário.

— Parecer? Indagou Pereira. Vejo que é coisa muito séria, então!

— É sobre o casamento de sua filha, compadre, com o Manecão.

Ao ouvir isto, fixou Pereira no compadre uns olhos perdidos, a boca entreaberta, mal disfarçando sua perplexidade com o motivo que o trazia ali, àquelas horas.

— Pois não, compadre? Que tem a me dizer?

— Eu estive com o doutor, compadre, o doutor Cirino...

À menção do nome do estafermo, Pereira não pôde conter-se, interrompendo a narrativa que ele mesmo ansiava por ouvir:

— Mas então *vosmecê* sabe onde está aquele infeliz?

— Calma, compadre. Calma... Creia-me, ele não é um infeliz; pelo contrário, é uma alma nobre e boa.

Movido pelas velhas relações com o compadre, Pereira decidiu não falar mais nada, a meio de não interromper a narração, embora não conseguisse disfarçar completamente a impaciência.

— Pois fale, compadre, estou às ordens, disse ele, um pouco rudemente.

Cesário sorveu um último gole de chá que restava na xícara, demonstrando alguma indecisão sobre por onde começar. Até que, de chofre, perguntou:

— Compadre, o senhor se lembra da Madalena?

Pereira arregalou os olhos, estupefato. Que relação tinha a Madalena com Cirino, com aquela visita? Quem sabia onde andaria Madalena, se é que seria ainda viva? Perplexo, respondeu:

— Como não *havé*ra de lembrar, compadre? Foi a mulher mais bonita que já se viu por essas bandas... O senhor era doidinho por ela, foi sua perdição na juventude... Mas que tem uma coisa com a outra, com o patife do Cirino?

— Ah, Pereira... Madalena foi o único amor da minha vida, minha perdição, como o compadre bem diz. Como penei por aquela mulher.

Neste ponto, Pereira o interrompeu:

— Mas então eu não me lembro, compadre? Você passou um inferno por aquela paixão... Mas são águas passadas, não é? O senhor construiu sua família com a Dona Leonor, que lhe deu filhos maravilhosos, honrados... Por que essas lembranças agora? O compadre me desculpe a franqueza, mas me parece um despropósito!

— É porque, compadre, vi em Cirino o mesmo ardor da paixão que senti por Madalena, sentimento que não vejo há tanto tempo aqui nesses socavões, nesse fim do mundo. Posso lhe garantir que Cirino ama sinceramente sua filha...

— Aquilo é um cão, interrompeu Pereira, um cão ladino, que entrou nessa casa para a desonra da nossa família, desencaminhar uma moça prometida em casamento. Isso não se faz, desonrar um pai assim, debaixo do próprio nariz...

Cesário deixou que Pereira desse vazão à sua raiva, não adiantaria interrompê-lo. Disse o compadre Pereira ainda alguns impropérios graves contra Cirino. Vendo que a raiva de Pereira se arrefecia, Cesário retomou a palavra:

— Não, compadre Pereira, não... Cirino não é nada disso que *vosmecê* está falando. Não estou querendo com isso dizer que o compadre está mentindo, não ousa tal; mas eu poderia dizer que o senhor está enganado sobre o doutor. Eu posso lhe assegurar, Cirino não desonrou a sua filha. É um homem de grande valor, como poucos neste mundo.

— Perdoe o compadre, mas como o senhor pode assegurar uma coisa *ansim*? Eu hospedei aquele desgraçado aqui em casa, sei do que ele é capaz...

— Não, compadre. Ele propôs a ela que fugissem, mas ela se recusou, e ele respeitou a decisão dela. Um homem que ouve a vontade de uma mulher, o senhor sabe, é coisa muito rara... E, por outra, compadre, ele mo jurou...

— Mas jurar, qualquer um jura! Acrescentou Pereira, cismado.

— Quem jura como ele, compadre, não mente! Quando ele me disse por que me procurava, foi só mencionar o nome de minha afilhada *Nocência*, saquei a garrucha para dar cabo do atrevido, mas, *inveiz* de implorar por sua vida, ele ajoelhou-se diante de mim e me pediu, aos prontos, que eu atirasse, que assim se acabaria de uma vez por todas o sofrimento que ele estava passando... daí, compadre, o senhor pode ter alguma ideia dos sentimentos dele por minha afilhada, um homem que não teme nem a morte, por amor a uma mulher...

Pereira começava a ficar deveras impressionado com a narrativa; depois, Antônio Cesário perorou a defesa:

— Ele me disse, caso o senhor não aceite, que eu já poderia, por caridade, encomendar uma missa em intenção de sua alma, que ele não estaria mais neste mundo, que se mataria. O senhor pode imaginar um sentimento assim? Dê uma chance a esse amor, compadre. Quando vi o rapaz naquele estado, me lembrei do meu passado, de Madalena... Deve ser bonito uma família formada por duas pessoas que se amam, não é, compadre? Estamos tão acostumados aos casamentos arranjados, tudo pela conveniência da situação financeira dos noivos... Será mais feliz uma família unida pelo amor, compadre?

Pereira não sabia o que dizer. Não era um homem dado a expansões sentimentais, tanto que respondeu assim:

— Ora, compadre, esse negócio de amor, isso é coisa de contos da carochinha. O que uma mulher *percisa* é uma casa para cuidar, um marido que lhe dê uma meia dúzia de filhos... É assim com tudo quanto é moça que vive nesse sertão de meu Deus! Por que *havé*ra de ser diferente com *Nocência*?

— Mas o problema não estaria exatamente aí, compadre? Ah, eu amei, compadre, perdidamente. Fui covarde, não enfrentei meus pais, nem os de Madalena, e a perdi, irremediavelmente. Espero ao menos que ela tenha arranjado um marido que a respeite, como eu quero bem à minha Leonor. Há tantos maridos malvados por aí, que não merecem as boas esposas que têm. Não seria a falta do amor? Por falar nisso, o senhor acha que Manecão ama verdadeiramente a sua filha?

— E como eu *havé*ra de saber? Bom... A bem da verdade, não vejo nele muito entusiasmo não, mas homem, não pesa nada contra o caráter dele, trabalhador, talvez seja só um pouco fechado, carrancudo, mas que mal teria nisso?

Falando de Manecão, ocorreu-lhe a Pereira mencionar isto:

— Ademais teria o embaraço de desfazer um noivado! Minha palavra está empenhada. Isso não se faz, compadre. Ele não há de aceitar!

— Isso se arranja, compadre, se o senhor quiser. Isso se arranja! Se o mancebo não ama tanto a Inocência, não se importará. No máximo reclamará a palavra não cumprida, se queixar de despesas para o casamento...

— Mas e se ele não aceitar, compadre, o que faço? Fico desonrado, é a minha palavra!

— Mas homem de Deus, um pai há de ter mais direito sobre uma filha do que um noivo! Como padrinho de Inocência, assumo desde já a incumbência de pagar qualquer coisa que Manecão reclame financeiramente. É o justo. E veja bem o senhor: nem do ponto de vista financeiro há prejuízo: a situação de Cirino é igual, senão melhor, que a de Manecão! Um título de doutor, prestígio, algumas patacas nas burras... E, ainda por cima, ama sua filha. Ama, compadre, o senhor entende? Ama!

Pereira não respondeu, ficou a fitá-lo como um bobo, sem saber que dizer. Cesário tirou-o desse enleio com uma pergunta ardilosa:

— O senhor nunca amou, compadre, dessas paixões que arrastam um homem à degradação, ao fundo do poço?

A esta pergunta, Pereira sorriu melancolicamente.

— Acho que estamos na mesma, compadre. Quem nunca amou? Não passei talvez o mesmo que *meçê* passou por Madalena, me lembro que *vosmeçê* até chegou a ameaçar se matar, se alembra? Mas acredito que amei sim, mas logo me casei com a mãe de *Nocência* e deixei o passado para trás, como tem que ser. E de mais a mais esse negócio de amor é lá invenção de romancistas...

Maria Conga os interrompeu, tirando-os daquelas divagações filosóficas sobre o amor.

— *Nhô* Pereira, o senhor ainda *perçisa* de mais alguma coisa?

— Não, Maria Conga, vá dormir. Deus abençoe, respondeu o mineiro.

— Boa noite, Maria Conga, durma com Deus, ajuntou Cesário.

Quando a escrava se retirou, Pereira retomou o fio perdido do diálogo:

— Então, compadre, eu penso que...

Antônio Cesário o interrompeu, bruscamente, temendo uma resposta indesejada:

— Não precisa responder ainda, compadre. O travesseiro e a noite são bons conselheiros. Amanhã o senhor me informa o que decidiu, poderia ser assim?

— Mas eu não tenho que pensar, homem de Deus, você é pessoa da minha mais alta estima e confiança! Sei que é para minha filha o melhor padrinho que ela poderia ter. Na minha falta, sei que *meçê* seria como eu mesmo, senão melhor, para *Nocência*! Se *vosmeçê* penhora sua palavra pela felicidade dela, a minha resposta só pode ser sim!

Neste momento, porém, ocorreu a Pereira que, no ímpeto da raiva, havia espicaçado a ira de Manecão para que partisse no enalço de Cirino e lavasse com sangue sua honra de noivo ultrajado. E se, nesta hora mesmo, Cirino já não estivesse mais neste mundo? Alvitrou de si para si que não convinha falar nada a Cesário, pois não queria fazer uma confissão tão grave. Se Cirino, a esta altura, já estivesse no mundo dos finados, poderia pesar contra si alguma acusação. Embora sentisse agora um profundo remorso, vendo que Cirino era pessoa de valor, não queria complicações com a lei. Se assim fosse, Manecão retornaria, desposaria a filha e a vida continuava, como soía acontecer com qualquer vivente daqueles ermos, sem grandes expansões românticas, que era coisa das cortes do Rio de Janeiro.

Cesário ficou muito satisfeito com sua retórica: sempre gozou de imensa confiança com o compadre, o que lhe dava incomensurável satisfação. Agradeceu-lhe, comovido:

— O senhor não há de se arrepender dessa decisão, meu compadre. E, te juro, aqui nesta hora, se um dia Cirino vir a ser mau marido para minha afilhada, há de prestar contas comigo.

— Pois muito que bem, compadre, leve então as alvíssaras ao doutor. Agora vamos deitar, que já se faz tarde, não é?

Neste momento, ouviram um ruído lá de dentro. Era Inocência que, com muito esforço, ouvia tudo através de uma fresta na porta entreaberta, fato que passou despercebido a Tico, que ressonava no chão, esquecido do mundo. Inocência ria-se por dentro, estavam salvos, ela sabia que o padrinho não lhe faltaria! Foi tomada por uma tal revolução de emoções, que teve vontade de sair correndo a abraçar o padrinho e o pai, a demonstrar sua mais profunda gratidão.

Estava nesse enleio de sentimentos quando ouviu um mocho gargalhar muito perto, como se estivesse sobre o telhado. Assustada, fez o sinal da cruz, como católica fervorosa que era.

— Valei-me, Virgem Maria Santíssima, levai esse bicho de mau agouro para longe!

Disse, toda trêmula, persignando-se repetidas vezes, enquanto procurava uma vela. O mocho riu-se novamente, num crocitar medonho que a fez eriçar os pelos da nuca. Acendeu uma vela junto aos pés de Nossa Senhora, no seu oratório, fechou os olhos e rezou.

— Intercedei por mim, mãezinha do céu, disse quase num sussurro, intercedei por mim na corte de todos os santos!

O mocho piou uma última vez e levantou voo. Ainda pôde escutar o ruflar de suas asas, distanciando-se.

A estas horas, muito longe dali, abrigado em uma casinhola em que atendera um paciente, Cirino debatia-se em pesadelos medonhos, incompreensíveis, um emaranhado de disparates, uma sepultura com o nome de Inocência, Manecão rindo-se com os dentes ensanguentados, o anãozinho Tico deitado junto à cova de Inocência, Pereira rindo-se e chorando como um louco, Maria Conga gritando desesperadamente, dois cavalos tombando ao chão. Levantou-se sobressaltado, enxugou o suor que lhe porejava da testa, murmurando:

— Santo Deus, que será isto?

Persignou-se, abriu devagar a janela, para não acordar os anfitriões, e viu que era ainda noite fechada.

Orou com fervor e voltou a deitar-se, demorando a reconciliar o sono, perturbado por tão medonha fantasmagoria.

Vinha chegando o amanhecer. Raios de sol se infiltravam pelas frestas da cabana onde pernoitara. Estava chegada a hora de pegar a estrada, a ver que notícias lhe trazia o bondoso Cesário, sua última esperança. Montou sua cavalgadura e partiu, tendo o peito ofegante de ansiedade e de um vago medo que lhe estremecia o corpo.

\*\*\*

Uma homenagem do professor Ricardo Madureira, professor no Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia, campus Juiz de Fora, MG, ao romancista Visconde de Taunay (1843-1899), por nos ter legado “Inocência”, joia preciosa da cultura brasileira; em homenagem à cidade de Inocência, MS (“A Cidade do Romance”), que, muito sabiamente, batizou o município em homenagem a uma personagem tão cativante, eternizando Cirino e Inocência, “o Romeu e a Julieta do sertão”, na imaginação de muitas gerações de leitores, os que já se foram, os de agora, e os que hão de vir.